

HISTÓRIA-HISTÓRIA(S): O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS, DE JOSÉ SARAMAGO.

*Maria de Fátima Sendão Gomes Morashashi**

O romance, *O ano da morte de Ricardo Reis* utiliza-se de referências históricas da Europa de 1936 e da personagem de ficção, o heterônimo pessoano.

PANORAMA HISTÓRICO DO ANO DE 1936

"A "paz" em Espanha convém ao Governo de Salazar. Mas as forças reacionárias são democraticamente vencidas pela Frente Popular, que agrupa os defensores da liberdade e da emancipação dos trabalhadores, ganha as eleições gerais e tem a maioria no Parlamento. O regime português teme influências desta vitória e permite em território nacional a conspiração que prepara a guerra civil de Espanha. Salazar forja em Portugal a exaltação nacionalista: cria a "mocidade portuguesa", cópia da juventude nazi, e nela faz inscrever os estudantes; imita os "camisas negras" italianos e institui a "Legião Portuguesa", força militarizada, que se propõe colaborar numa cruzada anticomunista, defender aquilo que chama "o património espiritual da Nação" e apoiar o Estado Corporativo. Pelas ruas das cidades a "Mocidade" desfila em parada. A "Legião", marchando em passo de ganso, responde ao grito: - Legionário - Quem vive? - Portugal, Portugal, Portugal. - Legionário - Quem manda? Salazar, Salazar, Salazar. Força de legionários fascistas, "Os Viriatos" seguem para Espanha, vão apoiar as tropas de Franco: morrem 6000. A guerra civil espanhola agita Portugal. A luta antifascista aderem milhares de pessoas. Marinheiros, militantes da Organização Revolucionária da Armada (ORA) fundada por comunistas, em 1935, sublevam-se em Lisboa, prendem os oficiais, apoderam-se de dois navios de guerra na intenção de se juntarem às tropas republicanas espanholas. Quando os navios saem do Tejo são bombardeados; os revoltosos são presos e deportados para o campo-prisão do Tarrafal (Cabo Verde), que começa a receber os primeiros presos políticos. 30 marinheiros têm penas de prisão que, somadas, são superiores a 500 anos. Têm o mesmo destino 150 militantes operários"¹.

Todo o heterônimo pessoano tinha uma biografia e uma personalidade: deu aos seus heterônimos mapa astral, data de nascimento, tipo físico, formação escolar, traços de caráter.

O NASCIMENTO DE RICARDO REIS, HETERÔNIMO DE FERNANDO PESSOA

"**1887** - Data suposta do nascimento do heterônimo Ricardo Reis, no Porto "Não me lembro do dia e mês - dirá Pessoa - mas tenho-os algures. Um horóscopo feito pelo poeta situa-o entretanto a 19 de setembro, às 4 h 5 m da tarde. Portugal, ainda sob o signo da Monarquia, à qual Reis iria manter-se fiel pelo próprio exílio, atravessa então uma crise política larvar. O sistema parlamentar desgasta-se pouco a pouco no "rotativismo", com uma **alternância** dos partidos "progressista" e "regenerador" no poder, enquanto do exterior a Inglaterra cobiça as colônias portuguesas em África e no interior a agitação republicana, coincidindo com uma vaga anarquista nascente, se propaga pelo país. O poeta Cesário Verde, precursor de Caeiro e do Sensacionismo, acabava de morrer, em

* Universidade de São Paulo.

1886, ano que ficara também assinalado pela publicação dos *Sonetos*, de Antero de Quental, prefaciados por Oliveira Martins, e do *Anti-Cristo*, de Gomes Leal ("o pior grande poeta que conhecemos"), a quem Pessoa haveria de dedicar mais tarde um poema de ressonância esotérica. Em França, Rimbaud tinha publicado *As Iluminações* e Jean Moréas lançado o seu artigo - *Manifesto sobre o Simbolismo*, a que no ano seguinte se sucedem as *Poesias*, de Mallarmé. Em Inglaterra, Walter Pater, cuja influência sobre Pessoa seria visível, dá à estampa os seus *Retratos Imaginários*, ao mesmo tempo que na Alemanha Nietzsche um dos filósofos que mais se repercutirá sobre o poeta dos heterônimos publica a *Genealogia da Moral*.²

As referências históricas à Europa de 1936 são para o romance um pano de fundo, onde travam-se conflitos entre as personagens que podem mimeticamente representar um elenco social sejam eles reacionários ou revolucionários.

Talvez ocorra perguntar porquê Ricardo Reis? e porquê 1936? Quanto ao nome, uma pista para uma possível resposta, talvez estivesse na epígrafe do poeta, Ricardo Reis que Saramago elege para o seu romance: "*Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo*" - Reis e o ano de 1936 são confrontados como se fosse um teste, criando laboratório político, que equilibra duas dimensões: o heterônimo pessoano e o contexto político-social que interpolam e fundem-se dando o contraponto saramaguiano.

História e ficção, ficção e história, talvez Saramago quisesse apagar estas categorizações.

O romance em estudo, retoma uma ficção literária anterior elaborada por Fernando Pessoa, o horaciano, autor das *Odes*, pagão, médico de profissão.

Às vésperas do cinquentenário da morte de Fernando Pessoa, Saramago cria um Ricardo Reis retornando a Portugal nos fins de 1935: distante e incapaz de se engajar no momento histórico português e europeu, o espaço ocupado por Ricardo Reis é misto de irrealidade e subjetivismo. Enquanto as demais personagens: Lídia, Marcenda, os criados do hotel assumem papéis de relevância social, como veremos à frente. O poeta-heterônimo aceita a sua função de personagem ficcional.

Os limites entre o real e o imaginário são sondados e trabalhados de modo a levar à tensão crítica: a plena consciência de que a ficção reage sobre um real magicamente distorcido. Transgride-se constantemente a lei da morte - Fernando Pessoa que perdeu com a morte o seu contorno humano, adquire forma literária transforma-se em ser fictício, e é aí que surge o fantástico. Mas o fantástico também é "invadido" pelo real: Lídia, a camareira-amante, distante da musa dos poemas estóico-epicuristas de Ricardo Reis, este por ser duplamente literário, acaba tornando o fantástico tão denso, que o faz real.

O efeito da desestabilização da história dos "mortos-vivos", Fernando Pessoa e seu heterônimo Ricardo Reis, instala no leitor confluência do desejar e do não desejar, nivelação de conceitos contrários, como "vida" e "morte", e a "felicidade" que não exclui a dor.

Saramago conserva Ricardo Reis contemplativo e distante, incapaz de se inteirar no torvelinho de ações que vive o Portugal e a Europa de 1936: Carmona inaugura uma exposição homenageando Mousinho de Albuquerque, as tropas de Mussolini avançam na Etiópia, na Espanha vive-se o prelúdio da guerra civil, na Alemanha Hitler ascende ao poder e o Zepellin cruza os céus de Portugal. Esses, e outros fatos, Saramago coloca nos jornais, que Ricardo Reis folheia, frente aos emigrados espanhóis, do Hotel Bragança e das personagens que verdadeiramente agem à volta do heterônimo. Essa atitude impessoalmente distante faz com que o principal, juntamente o do espaço destinado a Ricardo Reis, seja o mais irreal, o menos concreto. Plano e personagens secundários, como o da amante-criada-de-hotel, Lídia; o da enamorada Marcenda e de seu pai; o gerente e demais criados do hotel parecem ativamente mais relevantes, porque imbricados numa realidade social, da qual Ricardo Reis tem apenas notícia. Toda a ação do livro está além de Ricardo Reis que não faz mais que dar curso à ética presente em sua poesia. Por isso, o leitor mesmo que perturbado pela inércia da personagem, aceita o conformismo da personalidade da personagem de ficção como é o heterônimo pessoano, expressado em sua poesia. Nenhum deslize, nenhuma extravagância é cometido por Saramago. Ricardo Reis é o homem-poeta assumido.

2 SEABRA, JOSÉ AUGUSTO - *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1982.

A história é retomada em termo parodístico, seria a versão contemporânea do romance histórico, permeado por um realismo crítico-social que vai, por meio da paródia e da ironia, corroendo o texto histórico tradicional - A ficção vai preenchendo os espaços vagos do texto histórico, propondo ao leitor novos rumos para a leitura da história e suas lacunas; - o conceito do tempo encontrado nos romances de Saramago, o redimensiona do passado com a ótica do presente com a alusão ao futuro, pois o passado pode estar historicamente morto, mas é força geradora de mudanças presentes e futuras - a revalorização do termo carnaval, como uma das forças antecipadoras da mudança.

Enfim, a obra saramaguiana relê a história: "por certo, o autor parte da história como referencialidade, mas não reduz o seu discurso literário à história. Na verdade, quando a ficção preenche os vazios do texto histórico, ela reinventa a história".

Relendo a história em outro plano. A noção de milagre, institucionalizada pela tradição, será desmistificada por uma forma de ficção como outro código de valores ideológicos. No sentido da teoria de Bakhtin, de uma maneira aberta e livre, chegamos a pensar numa forma carnavalesca de ler ou reler a história para dessacralizá-la. Substituindo o sublime como categoria romântica pela comichidade e pela ironia em sentido claramente realista, o romancista redimensiona a história, construindo um discurso parodístico com a inclusão ficcional do excluído, ou como preferir prosaico, assim o elemento carnavalesco como força revisionista da história será entendido como ponto de intersecção entre a crítica da cultura e a própria história.

Portanto, a transformação não se faz de forma unilateral, se Ricardo Reis passa a enxergar o signo-mulher para além da musa de suas *Odes*, paralelamente Lídia começa a questionar-se sobre seu próprio "eu", e sobre suas relações com Reis e com seu tempo histórico.

Lídia - personagem que ultrapassa a superfície plana da narrativa a linearidade enganosa e assume um perfil ambíguo e complexo. Doce, meiga e inatingível é musa das *Odes* de Ricardo Reis, é também concomitantemente a criada do hotel, atende o "senhor doutor" no quarto ou na cama, amante nas horas vagas.

Mulher que se oferece inteira ao gozo do prazer é também humilde, submissa e sensual, ela avança na narrativa e se revela crítica e questionadora frente aos fatos políticos e sociais. Lídia é aquela que estará assumindo seu filho, mesmo se o pai permanecer incógnito.

"Lídia, diz e sorri. Sorrindo vai buscar à gaveta os seus poemas, as suas odes sáficas, lê alguns versos(...) E assim, Lídia, à lareira, como estando, Tal seja, Lídia, o quadro, Não desejamos, Lídia, nesta hora, Quando, Lídia, vier o nosso outono, Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira-rio..."(*Ode* 315, p.48)

"...Como se chama, e ela respondeu, Lídia, (...) às ordens do senhor doutor (...)a criada que traz o pequeno almoço é também quem faz a cama, limpa e arruma o quarto". (AMRR, pp. 47-48, 87)

"Lídia e Ricardo Reis, por tanto corpo darem e tomarem, não sei que deu a estes dois para de súbito se terem tornado tão carnalmente exigentes e dádivosos..."(AMRR, p.357)

"...nenhum sinal de gravidez à vista, salvo se não sabemos interpretar o que estes olhos estão dizendo, fixos, profundos, resguardados na distância, uma espécie de horizonte, se o há em olhos". (AMRR, p.354)

"Não acredito(...) Não é do senhor doutor que eu duvido, (...) é que não se deve fazer sempre fé no que os jornais escrevem(...) eu sou quase uma analfabeta, mas uma coisa eu aprendi, é que as verdades são muitas e estão umas contra as outras, enquanto não lutarem não se saberá onde está a mentira".(AMRR, p.388)

Lídia a criada com nome de musa que exerce sobre Reis um sentimento de atração e repulsa. Vagarosamente, pelas páginas do romance assumindo sutilmente um espaço cada vez maior de criada, amante e mulher na acepção mais ampla, que este termo possa designar. Lídia é o personagem que constrói no texto, assim sendo com um simples nome, uma alusão à musa convidada pelo heterônimo pessoano a sentar-se à beira do rio, para sossegadamente observar que a vida passa.

"Vem senta-te comigo, Lídia à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas
(Enlacemos as mãos)...

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena casarmo-nos
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como um rio
mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes" (*Odes* 315)

Conforme Fernando Pessoa, um quase personagem saramaguiano, Ricardo Reis também, apresenta transformação, se cansou de idealidades femininas incorpóreas e trocou a Lídia etérea por uma Lídia de encher as mãos" (p.182). Nessa mudança do perfil do personagem Ricardo Reis, Lídia é uma interpretante fundamental, isto porque é com ela e por meio dela, que Ricardo Reis abre seu caminho das *Odes* ao romance, de heterônimo de Pessoa à personagem de Saramago.

Lídia entretanto enruste nas próprias entranhas do signo, uma vagarosa metamorfose, enquanto criada, prepara o quarto e as roupas do senhor doutor, enquanto amante, aquece-lhe a cama e os desejos, enquanto mulher conquista espaço e deixa-se fecundar com a semente do poeta.

O romance como uma aventura do "eu" na história, como um desafio de ficar isenta diante do espetáculo do mundo.

Marcenda essa musa etérea que poderia alinhar-se tranqüilamente com as musas: Cloe, Neera e Lídia. Aquela que se contenta com o espetáculo do mundo.

Marcenda - é aquela que deve murchar, ela está fadada a ser mortal no romance. Portadora de uma mão inerte, ela representa o pássaro sem vôo, a liberdade impossível, não faz sua história, inscreve-se apenas por vontades alheias, é oprimida pelo pai e incapaz de prolongar os pequenos vôos que se permite, por breves momentos, ousar "Política e afetivamente poda-se, vê e prefere não enxergar, sabe e prefere ignorar, sente e prefere não gozar", como veremos:

"os lábios tocam-se, é isto um beijo,(...) são os lábios dele que
desceram os lábios dela, é esse o destino do corpo, abrir-se(...) o da
explosão de outros beijos, precipitados, breves, ofegantes em que a
boca se não satisfaz com a boca (..) percebe-se todo o seu corpo
dentro e fora da pele (..) é a voz que pede, sumida, Deixe-me.(AMRR,
p.346)

Marcenda, cujo nome "não o usam mulheres" expressa palavra feminina, da raça gerúndia (p.352-353) é um personagem destinada a murchar no texto ou conforme o significado que temos para "Marcenda" na botânica, é o ser vivo que não chega a morrer, apesar de perder seu esplendor pela ausência de tudo o que antes a rodeava. Marcenda significa, a prisão do seu próprio labirinto.

Ricardo Reis é obcecado pelo labirinto, encontra-se nele, e não busca efetivamente a saída. O livro, *The god of the labyrinth*, trazido do mar para uma aventura de vida na terra, está sempre ao seu lado. Trouxe-o por engano do navio *Highland Brigade*, o nome deste navio que traduzindo significa "brigada da boa terra", lugar seguro, um paraíso, seu autor, Herbert Quain, irlandês, num erro de pronúncia se poderia ler, Quem, Quain. Quem sou eu aqui? Obsessão de uma identidade jamais resgatada, por ser ela ficção da ficção, ele se quer furtar, de uma opção,

não pode ser o engajado, cujo caminho Lídia lhe abriria, como uma espécie de ponte ao mundo, realizar-se humano. Levando o livro para o suposto além, cemitério dos Prazeres, disse: "Deixo o mundo aliviado de um enigma".

O labirinto é, portanto, e antes de tudo, uma punição. É a prisão simbólica da existência, a condenação a uma viagem sem horizonte.

"Aqui onde o mar se acabou e a terra espera".

BIBLIOGRAFIA

- COSTA, HORÁCIO, *Sobre a Pós-Modernidade em Portugal Saramago revisita Pessoa* - Colóquio Letras, Lisboa, nº 8, 1988.
- PITERI, SÔNIA HELENA DE O. RAYMUNDO, *Desconstrução da História Oficial*, Centro de Estudos Portugueses "Jorge Sena"/s/d.
- Portugal, Ministério da Comunicação Social, *Portugal, Liberdade é também vontade*, Lisboa, 1975.
- SARAMAGO, JOSÉ, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Cia das Letras, São Paulo, 1988.
- SEABRA, JOSÉ AUGUSTO - *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1982.
- SEIXO, MARIA ALZIRA, *O Essencial Sobre José Saramago*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1986.
- SILVA, TERESA CRISTINA CERDEIRA, *Entre a História e a Ficção: uma saga de portugueses*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1989.
- TORRES, ALEXANDRE PINHEIRO, *O Neo-Realismo Literário Português*, Moreas Ed., Lisboa, 1977.
- VALE, FRANCISCO, *Neste livro nada é verdade e nada é mentira*" Jornal das Letras s/d.

